



o *Brasil* e o Capitalismo Histórico

Passado e Presente na Análise dos Sistemas-Mundo

Organizadores

PEDRO ANTONIO VIEIRA

ROSÂNGELA DE LIMA VIEIRA

FELIPE AMIN FILOMENO

**CULTURA
ACADÊMICA**
Editores

© Pedro Antonio Vieira; Rosângela de Lima Vieira; Felipe Amin Filomeno

Conselho Editorial

Immanuel Wallerstein, Fernando Novais, Hoyêdo Lins, e Francisco Luiz Corsi

Projeto gráfico, diagramação e capa

Rita Motta - www.editoratribo.blogspot.com

Revisão

Sérgio Meira

Impressão

Gráfica e Editora Copiart Ltda

1ª Edição - 2012 - São Paulo – SP

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B83

O Brasil e o capitalismo histórico : passado e presente na análise dos sistemas-mundo /
organização Pedro Antonio Vieira, Rosângela de Lima Vieira, Felipe Amin
Filomeno.- São Paulo, SP : Cultura Acadêmica Editora, 2012.
327 p.

ISBN 978-85-7983-386-1

1. Capitalismo - Brasil - História. 2. Capital (Economia). I. Vieira, Pedro
Antonio. II. Vieira, Rosângela de Lima. III. Filomeno, Felipe Amin. IV. Série.

13-1521.

CDD: 330.1220981

CDU: 330.142.23(81)

043362



Continuidades e transformações na evolução dos sistemas-mundo

CHRISTOPHER CHASE-DUNN E ROY KWON⁶⁵

Hall e Chase-Dunn (2006; consultar também CHASE-DUNN E HALL, 1997) modificaram os conceitos desenvolvidos pelos estudiosos do sistema-mundo moderno para construir uma perspectiva teórica que permitisse comparar o sistema moderno com sistemas-mundo regionais anteriores. Trata-se da perspectiva evolucionária e comparativa dos sistemas-mundo. A ideia principal é que a evolução sociocultural só pode ser explicada se considerarmos que as organizações políticas⁶⁶ realizam interações

⁶⁵ Christopher Chase-Dunn é Doutor em Sociologia pela Stanford University. Roy Kwon é Doutor em Sociologia pela University of California - Riverside. Ambos são pesquisadores do Institute for Research on World-Systems da University of California - Riverside. Os autores agradecem a Kirk Lawrence e Thomas D. Hall pela ajuda com este artigo, que resultou de pesquisa financiada pela National Science Foundation dos Estados Unidos.

⁶⁶ Neste capítulo, o termo “organização política” aparece como tradução para o português do termo inglês *polity*, o qual se refere genericamente a organizações, governos ou sistemas políticos (sendo o Estado nacional um tipo de *polity*).

importantes entre si desde a Idade Paleolítica. Hall e Chase-Dunn propõem um modelo geral das causas contínuas da evolução da tecnologia e da hierarquia dentro das organizações políticas e em sistemas interligados de organizações políticas (sistemas-mundo). Este é o chamado modelo de reiteração, que é impulsionado por pressões populacionais que interagem com a degradação ambiental e conflitos entre as organizações políticas. Este modelo de reiteração descreve forças causais básicas que estavam em operação na Idade da Pedra e que continuam a operar no sistema global contemporâneo (ver também CHASE-DUNN E HALL, 1997, Capítulo 6; FLETCHER *et al.*, 2011). Estas são as continuidades.

A ideia mais importante que advém desta perspectiva teórica é que as mudanças transformacionais nas instituições, estruturas sociais e lógicas de desenvolvimento são causadas principalmente pelas ações de indivíduos e organizações dentro de comunidades políticas que são semiperiféricas em relação a outras organizações políticas no mesmo sistema. Esta ideia é conhecida como a hipótese de desenvolvimento semiperiférico.

À medida que os sistemas-mundos regionais se tornaram espacialmente maiores e as organizações políticas que se inserem nesses sistemas cresceram e se tornaram mais hierárquicas internamente, as relações entre as organizações políticas também passaram a ser mais hierárquicas, porque foram criados novos meios de extração de recursos de povos distantes. Assim, hierarquias centro/periferia emergiram de sistemas entre as organizações políticas que foram baseados em trocas de maior igualdade. A semiperifericidade é a posição de algumas das organizações políticas em uma hierarquia centro/periferia. Algumas das organizações políticas que estão localizadas em posições semiperiféricas tornaram-se os agentes que formaram soberanias, estados e impérios maiores por meio de conquistas (organizações políticas semiperiféricas que defendiam suas fronteiras), e alguns dos estados especializados no comércio entre os impérios tributários desenvolveram a produção para fins de troca nas regiões em que operavam. Assim, tanto a escala espacial e demográfica da organização política quanto a escala espacial das redes comerciais foram ampliadas por organizações políticas semiperiféricas, o que acabou resultando no sistema global em que vivemos agora.

O sistema-mundo moderno surgiu quando uma região que era periférica e, mais tarde, tornou-se semiperiférica (Europa), desenvolveu

um centro interno de estados capitalistas que se tornou, por fim, capaz de dominar as organizações políticas de todas as outras regiões do planeta. Este sistema eurocêntrico foi o primeiro no qual o capitalismo se tornou o modo predominante de acumulação, apesar de cidades-estados capitalistas semiperiféricas existirem desde a Idade do Bronze nos espaços entre os impérios tributários. Esse sistema eurocêntrico se expandiu em uma série de ondas de colonização e incorporação (Figura 1). A mercantilização se expandiu na Europa, evoluiu e se aprofundou em ondas desde o século XIII, razão pela qual os historiadores discordam sobre quando o capitalismo se tornou o modo predominante. Desde o século XV, o sistema moderno presenciou quatro períodos de hegemonia em que a liderança no desenvolvimento do capitalismo foi alçada a novos patamares. O primeiro período foi conduzido por uma coalizão entre os capitalistas financeiros genoveses e a Coroa Portuguesa (WALLERSTEIN, 2011 [1974]; ARRIGHI, 1994). Posteriormente, as hegemonias foram organizações políticas: os holandeses no século XVII, os ingleses no século XIX e os Estados Unidos no século XX (WALLERSTEIN, 1984a). A própria Europa, e todas as quatro regiões hegemônicas modernas, foram ex-semiperiferias que ascenderam, primeiramente, ao *status* de centro e, em seguida, ao de hegemonia.

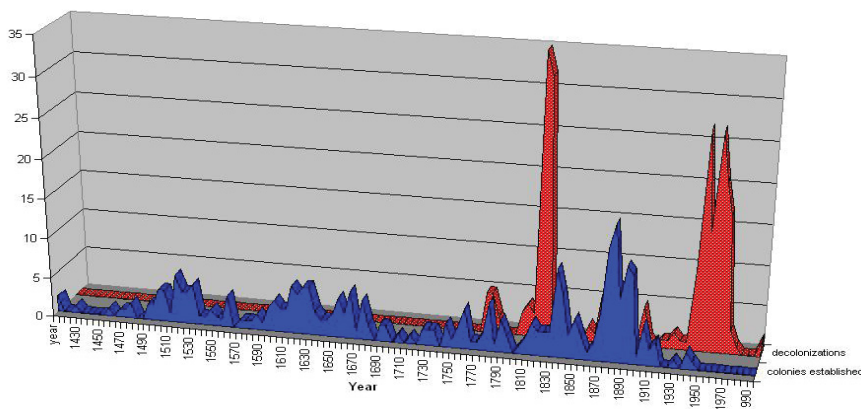


Figura 1: Ondas de colonização e descolonização desde 1400 - Número de colônias estabelecidas e número de independências

Fonte: Henige (1970). Em vermelho: independências nacionais; em azul: colônias estabelecidas

Entre esses períodos de hegemonia, havia períodos de rivalidade hegemônica em que vários candidatos lutaram pelo poder global. O núcleo (*core*) do sistema-mundo moderno permaneceu multicêntrico, o que significa que vários estados soberanos se aliavam e competiam entre si. Houve sistemas mundiais regionais anteriores que experimentaram um período de império central ampliado em que um único império se tornou tão grande que não havia fortes candidatos à predominância. Isso não acontecia no sistema-mundo moderno até o momento em que os Estados Unidos se tornaram a única superpotência após a dissolução da União Soviética, em 1989.

A seqüência de hegemônias pode ser compreendida como a evolução da governança global no sistema moderno. O sistema interestatal, de acordo com a institucionalização no Tratado de Paz de Westfália em 1648, ainda é um aspecto institucional fundamental da organização política do sistema moderno. O sistema de estados teoricamente soberanos foi expandido a fim de incluir as regiões periféricas em duas grandes ondas de descolonização (Figura 1), o que acabou resultando em uma situação na qual todo o sistema moderno se tornou composto de estados nacionais soberanos. O leste da Ásia foi incorporado a esse sistema no século XIX, embora aspectos do antigo sistema estatal tributário-comercial do Leste Asiático não tenham sido completamente suprimidos por tal incorporação (HAMASHITA, 2003).

Proporcionalmente ao sistema como um todo, cada uma das hegemônias suplantou a hegemonia anterior em tamanho. E cada uma desenvolveu as instituições de controle econômico e político-militar que guiaram o sistema ampliado, de modo que o capitalismo penetrou cada vez mais fundo em todas as áreas do planeta. E após as Guerras Napoleônicas nas quais a Grã-Bretanha finalmente derrotou seu principal concorrente, a França, as instituições políticas globais começaram a emergir acima do sistema internacional de Estados nacionais. O primeiro protogoverno mundial foi o Concerto da Europa, uma flor frágil que acabou murchando quando seus principais proponentes, a Grã-Bretanha e o Império Austro-Húngaro, discordaram sobre como lidar com a revolução mundial de 1848. O Concerto foi seguido pela Liga das Nações e, em seguida, pelas Nações Unidas e as instituições financeiras internacionais de Bretton Woods (o Banco Mundial,

o Fundo Monetário Internacional e, finalmente, a Organização Mundial do Comércio).

A globalização política evidente na trajetória de governança global evoluiu porque os poderes constituídos travavam uma disputa pesada entre si pelo poder geopolítico e por recursos econômicos, mas também porque a resistência surgiu no interior das organizações políticas centrais e nas regiões não centrais. A série de hegemonias, as ondas de expansão colonial e de descolonização e o surgimento de um protoestado mundial ocorreram quando as elites globais tentaram competir entre si para conter a resistência vinda de baixo. Já foram mencionadas as ondas de descolonização. Outras forças importantes de resistência foram as revoltas de escravos, o movimento sindical, a extensão da cidadania a homens sem nenhuma propriedade, o movimento feminista, e outros movimentos sociais e rebeliões relacionados.

Estes movimentos afetaram a evolução da governança global, em parte devido às rebeliões, muitas vezes agrupadas temporalmente, formando o que se denominou “**revoluções mundiais**” (ARRIGHI *et al.*, 1989). A Reforma Protestante na Europa foi um exemplo precoce que desempenhou um grande papel no aumento da hegemonia holandesa. A Revolução Francesa de 1789 estava conectada temporalmente com as revoltas nos EUA e no Haiti. A rebelião de 1848 na Europa foi sincrônica com a Rebelião de Taiping, na China, e foi associada a essa pela difusão de ideias, como também foi associada a várias novas seitas cristãs que surgiram nos Estados Unidos. 1917 foi o ano dos bolcheviques na Rússia, mas também a mesma década viu a Revolta Nacionalista Chinesa, a Revolução Mexicana, a Revolta Árabe e a greve geral em Seattle liderada pela organização sindical Industrial Workers of the World nos Estados Unidos. 1968 viu a revolta dos estudantes nos EUA, Europa, América Latina e os Guardas Vermelhos na China. Em 1989, os movimentos ocorreram, principalmente, na União Soviética e Europa Oriental, mas uma sociedade civil global emergente aprendeu importantes lições sobre o valor dos direitos civis para a democracia capitalista, sem a necessidade de justificativa.

Neste capítulo, a revolução mundial atual (CHASE-DUNN E NIEMEYER, 2009) será discutida como o contramovimento global. A grande

questão enfocada aqui é que a evolução do capitalismo e da governança global é uma reação importante à resistência e às rebeliões vindas de baixo, o que ocorreu de fato no passado e é provável que continue a ocorrer no futuro. Boswell e Chase-Dunn (2000) afirmam que o capitalismo e o socialismo têm interagido dialeticamente entre si em um ciclo de *feedback* positivo semelhante a uma espiral. Os movimentos trabalhistas e socialistas eram, obviamente, uma reação à industrialização capitalista, mas a hegemonia dos EUA e das instituições globais pós-Segunda Guerra Mundial também foi estimulada, de forma relevante, pela Revolução Mundial de 1917 e pelas ondas de descolonização.

O destacado livro de Giovanni Arrighi, Terence Hopkins e Immanuel Wallerstein (1984) sobre as revoluções mundiais apontou que os revolucionários raramente atingiram suas demandas imediatamente. Em vez disso, “os conservadores esclarecidos” implantaram as exigências de uma revolução prévia, a fim de esfriar os desafios de uma revolução mundial atual. Esta é a maneira pela qual as revoluções mundiais produzem a evolução da governança global.

Horizontes temporais

Então, o que a perspectiva comparativa e evolutiva dos sistemas-mundo nos diz sobre as continuidades e as transformações da lógica do sistema? E o que se pode dizer sobre a crise financeira mais recente e o contramovimento global contemporâneo a partir das perspectivas de longo prazo? Os acontecimentos recentes são apenas outro período de expansão e colapso financeiro e declínio da hegemonia? Ou será que eles constituem, ou são o prenúncio, de uma profunda crise estrutural do modo capitalista de acumulação? O que significam os acontecimentos recentes para a evolução do capitalismo e sua possível transformação em uma modalidade diferente de acumulação?

50.000 Anos

A partir da perspectiva dos últimos 50.000 anos, a grande novidade é demográfica e ambiental. Após lenta expansão, com altos e baixos cíclicos em determinadas regiões durante milênios, a população humana entrou em uma onda íngreme ascendente nos últimos dois séculos. Os seres humanos vêm degradando o meio ambiente em âmbito local e regional a partir do momento em que começaram a usar os recursos naturais de modo intensivo. Mas nos últimos 200 anos da produção industrial, a degradação ambiental por meio do esgotamento de recursos e da poluição ampliou-se em âmbito mundial, sendo o aquecimento global a maior consequência. A transição demográfica para uma população de tamanho equilibrado começou nos países centrais industrializados no século XIX e se espalhou de forma desigual para as regiões não centrais no século XX. Medidas de saúde pública reduziram a taxa de mortalidade; o maior grau de escolaridade e o trabalho feminino fora do lar estão diminuindo a taxa de fertilidade. Mas é provável que o número total de seres humanos continue a aumentar por várias décadas. No ano 2000 havia cerca de seis bilhões de seres humanos na Terra. Mas quando parar de aumentar, o número de pessoas será 8, 10 ou 12 bilhões.

Essa explosão populacional foi possível devido à industrialização e à utilização em larga escala de combustíveis fósseis não renováveis. Os combustíveis fósseis são luz solar antiga previamente capturada, que levou milhões de anos para se formar, à medida que as plantas e as florestas cresceram, morreram, e foram compactadas, gerando petróleo e carvão. A chegada do pico de produção de petróleo está próxima, e é quase certo que os preços da energia subirão novamente após uma longa queda. O recente colapso financeiro está relacionado a essas mudanças de longo prazo no sentido de que foi causado em parte por setores da elite global que tentavam proteger seus privilégios e riquezas, através da busca de um maior controle sobre os recursos naturais e do excesso de expansão do setor financeiro. Mas as não elites também estão envolvidas. A expansão habitacional, a suburbanização e o fato de que um número pequeno de pessoas vive em casas maiores têm sido mecanismos importantes, especialmente nos Estados Unidos, para

a incorporação de algumas das não elites ao projeto de globalização hegemônica do capitalismo corporativo. A cultura do consumismo tornou-se fortemente arraigada para aqueles que realmente consomem mais, e é também um forte anseio daqueles que esperam aumentar seu consumo aos níveis observados nas regiões centrais.

5.000 Anos

O principal significado do horizonte temporal de 5.000 anos é apontar-nos para a ascensão e o declínio dos modos de acumulação. As organizações políticas humanas em pequena escala foram integradas principalmente por estruturas normativas institucionalizadas como relações de parentesco – os assim chamados modos de acumulação baseados em relações de parentesco. O clã era a economia e a organização política, e era organizado como uma ordem moral de obrigações que permitiram a mobilização e a coordenação do trabalho social, e que regulava a distribuição. A acumulação baseada no parentesco foi baseada em linguagens compartilhadas e sistemas de significados, construção de consenso através da comunicação oral e reciprocidade institucionalizada na partilha e nas trocas. À medida que cresceram, as organizações políticas baseadas no parentesco lutaram entre si e as organizações políticas que produziram desigualdades institucionalizadas tiveram vantagens de seleção sobre aquelas que não o fizeram. O parentesco em si se tornou hierárquico dentro das soberanias, tomando a forma de linhagens classificadas ou clãs cônicos. Os movimentos sociais que utilizam discursos religiosos têm sido importantes forças de mudança social há milênios. Sociedades baseadas no parentesco muitas vezes reagiram à demanda populacional por recursos através da *défaisance* (“revogação”) - um subgrupo emigrava, geralmente após surgirem reclamações em termos de violação da ordem moral. As migrações eram, sobretudo, reações ao uso excessivo dos recursos locais causado pelo crescimento populacional e competição por esses recursos. Quando novas terras desocupadas ou apenas ligeiramente ocupadas (mas ricas em recursos) tornaram-se acessíveis,

os seres humanos passaram a se deslocar, ocupando todos os continentes, exceto a Antártida. Assim que um pedaço de terra era ocupado, uma situação de “circunscrição” elevava o nível de conflito dentro e entre as organizações políticas, produzindo um regulador demográfico (FLETCHER *et al.*, 2011). Nestas circunstâncias, foram estimuladas inovações tecnológicas e organizacionais, e a concorrência entre as organizações políticas selecionou, com veemência, novas estratégias bem-sucedidas, levando ao surgimento da hierarquia, da complexidade e de novas lógicas de reprodução social.

Há cerca de cinco mil anos, os primeiros estados e cidades surgiram na Mesopotâmia, sobrepondo-se às instituições baseadas no parentesco. Este foi o início dos modos tributários de acumulação no qual o poder do Estado (coerção legítima) se tornou o principal organizador da economia, o mobilizador do trabalho e o acumulador de riqueza e poder. Inovações similares ocorreram em grande parte de forma independente no Egito, no vale do Rio Amarelo (Huang-Ho), no vale do Rio Indo, e mais tarde na Mesoamérica e nos Andes. Os modos de produção tributários evoluíram à medida que os estados e impérios se tornaram maiores e as técnicas do imperialismo, permitindo a exploração de recursos distantes, foram aprimoradas. Este era, principalmente, o trabalho de estados semiperiféricos que defendiam suas fronteiras (ALVAREZ *et al.*, 2011). Aspectos dos modos de produção tributários (lançamento de impostos, coleta de tributos, acumulação por desapropriação) ainda existem entre nós, mas têm sido largamente subordinados e subservientes à lógica da acumulação capitalista. Crises e contramovimentos estavam frequentemente envolvidos nas guerras e conquistas que trouxeram uma mudança social e uma evolução dos métodos de tributação.

O modo tributário tornou-se predominante no sistema-mundo da Mesopotâmia no início da Idade do Bronze (cerca de 3000 a.C.). O sistema mundial regional do Leste Asiático ainda era predominantemente tributário na Era Comum do século XIX, tendo durado aproximadamente 5.000 anos. O modo baseado em parentesco durou ainda mais tempo. Todos os grupos humanos foram organizados em torno de versões diferentes dos modos baseados em parentesco no período Paleolítico e, na verdade, desde que a cultura

humana surgiu pela primeira vez com a linguagem. Se datarmos o início do fim dos modos baseados em parentesco a partir da predominância do modo tributário da Mesopotâmia (3000 a.C.), esta primeira alteração qualitativa na lógica básica de reprodução social levou mais de 100.000 anos.

500 Anos

Isto nos leva ao modo capitalista. Definimos o modo capitalista de acumulação, com base na acumulação privada dos lucros que retornam à produção de mercadorias, em vez de impostos ou tributos.⁶⁷ Conforme já dito, as primeiras formas de capitalismo surgiram na Idade do Bronze, na forma de pequenos estados semiperiféricos que se especializaram no comércio e na produção de mercadorias. Foi apenas no século XV que esta forma de acumulação tornou-se predominante em um sistema mundial regional (Europa e suas colônias). O capitalismo nasceu na semiperiferia, mas na Europa, mudou-se para o centro, e os precursores que posteriormente desenvolveram o capitalismo eram antigas organizações políticas semiperiféricas que alcançaram a hegemonia. As crises econômicas e revoluções mundiais foram elementos importantes na evolução do capitalismo e das instituições de governança global durante séculos.

Assim, em comparação com os modos anteriores, o capitalismo ainda é jovem. Existe há cerca de milênios, mas tem sido predominante em um sistema-mundo há menos de oito séculos. Por outro lado, muitos têm observado que a mudança social, em geral, tem se acelerado. O aumento da arrecadação de tributos com base na coerção institucionalizada levou mais de 100.000 anos. O próprio capitalismo acelera a mudança social, porque

⁶⁷ O capitalismo é uma combinação de propriedade privada nos meios de produção, troca mercantil e produção de mercadoria visando lucro. Naturalmente há muitas variedades de capitalismo. Desejamos incluir especialmente o que tem sido chamado capitalismo periférico, que é o uso de trabalho forçado (escravidão, servidão) para a produção de mercadoria. O capitalismo de Estado pode existir quando a propriedade não privada dos meios de produção permite a uma elite controlar a sociedade e se apropriar de grandes parcelas dos lucros.

revoluciona a tecnologia rapidamente, impulsionando outras instituições; e as pessoas se adaptaram às reconfigurações rápidas da cultura e das instituições. Por isso, é plausível que as contradições do capitalismo podem levá-lo a atingir seus limites muito mais rápido do que fizeram os modos tributários e os baseados no parentesco.

Transformações entre os modos

Para Immanuel Wallerstein (2011 [1974]), o capitalismo começou no longo século XVI (1450-1640), expandiu-se em uma série de ciclos e tendências de crescimento, e agora está se aproximando de “assíntotas” (limites máximos), pois algumas de suas tendências criam problemas que não podem ser resolvidos. Assim, para Wallerstein, o sistema mundial tornou-se capitalista e, em seguida, expandiu-se até se tornar totalmente global, e agora está enfrentando uma grande crise porque certas tendências de longo prazo não podem ser acomodadas dentro da lógica do capitalismo (WALLERSTEIN, 2003). As transformações evolutivas de Wallerstein surgem no início e no final. Há um foco na expansão e aprofundamento, bem como ciclos e tendências, mas não há a periodização dos estágios de evolução do sistema-mundo do capitalismo (CHASE-DUNN, 1998, Cap. 3). Isto é muito diferente da representação tanto de Arrighi dos sucessivos (e sobrepostos) ciclos sistêmicos de acumulação, quanto das teorias marxistas mais antigas, dos estágios do desenvolvimento nacional. A ênfase de Wallerstein recai sobre o surgimento e desaparecimento de “sistemas históricos”, onde o capitalismo é definido como “acumulação incessante”. Alguns atores mudam de posição, mas o sistema permanece basicamente o mesmo à medida que se expande. Mais cedo ou mais tarde, suas contradições internas encontrarão limites, e acredita-se que esses limites estejam se aproximando nas próximas cinco décadas.

Segundo Wallerstein (2003), as três tendências de crescimento ao longo prazo (efeito teto) que o capitalismo não pode controlar são:

1. o aumento dos salários reais ao longo prazo;
 2. os custos de longo prazo dos insumos materiais; e
-

3. o aumento de impostos.

Todas as três tendências de crescimento causam a queda da taxa média de lucro. Os capitalistas elaboram estratégias para combater essas tendências (automação, a fuga de capitais, a ameaça de corte de empregos, os ataques ao estado-providência social e aos sindicatos), mas na verdade não podem detê-las no longo prazo. A desindustrialização em um lugar leva à industrialização e ao surgimento de movimentos operários em outro lugar (SILVER, 2003). A queda da taxa de lucro significa que o capitalismo, como uma lógica de acumulação, terá de enfrentar uma crise estrutural inconciliável durante os próximos 50 anos, e algum outro sistema surgirá. Wallerstein chama as próximas cinco décadas de “A Era de Transição”.

Wallerstein acredita que as perdas recentes por parte dos sindicatos de trabalhadores e dos pobres sejam temporárias. Ele pressupõe que os trabalhadores acabarão por descobrir como se proteger contra as forças do mercado globalizado e do “nivelamento por baixo”. Isso talvez subestime um pouco as dificuldades de mobilização efetiva do trabalho organizado na era do capitalismo globalizado, mas, no longo prazo, Wallerstein provavelmente tem razão. Os sindicatos globais e os partidos políticos poderiam dar aos trabalhadores os instrumentos eficazes para a luta por salários e condições de trabalho livres da exploração das corporações globais se fosse possível superar as questões Norte/Sul que dividem os trabalhadores.

Wallerstein é intencionalmente vago (assim como Marx) a respeito da natureza organizacional do novo sistema que substituirá o capitalismo, mas tem certeza de que não será mais o capitalismo. O sociólogo percebe o declínio da hegemonia norte-americana e a crise do capitalismo global neoliberal como fortes indícios de que o capitalismo não pode mais se ajustar às suas contradições sistêmicas. Wallerstein afirma que a história mundial já entrou em um período caótico e imprevisível de transformação histórica. Deste período de caos, surgirá um sistema não capitalista novo e qualitativamente diferente. Pode ser um estado autoritário (tributário) global que preserve os privilégios da elite global ou talvez um sistema

igualitário em que instituições sem fins lucrativos sirvam às comunidades (WALLERSTEIN, 1998).

Estágios do desenvolvimento capitalista mundial: ciclos sistêmicos de acumulação

A descrição evolucionária de Giovanni Arrighi (1994) dos “ciclos sistêmicos de acumulação” resolveu alguns dos problemas da noção de Wallerstein de que o capitalismo mundial iniciou no longo século XVI e, em seguida, passou por ciclos repetitivos e tendências. A descrição de Arrighi é explicitamente evolucionária, mas ao invés de postular “estágios do capitalismo”, examinando cada país para verificar a passagem de tais fases (como fez a maioria dos marxistas mais antigos), ele postula ciclos globais de acumulação até certo ponto sobrepostos, no qual o capital financeiro e o poder do Estado assumem formas novas e gradualmente penetram em todo o sistema. Este foi um grande avanço em relação tanto aos ciclos mundiais quanto às tendências de Wallerstein e às fases marxistas nacionais tradicionais de abordagem ao capitalismo.

Os “ciclos sistêmicos de acumulação” de Arrighi (1994; 2006) se distinguem mais uns dos outros do que os ciclos de expansão e contração e tendências seculares de crescimento, de Wallerstein. Além disso, Arrighi (2006) explorou com mais profundidade as diferenças entre o atual período de declínio da hegemonia norte-americana e as décadas do final do século XIX e do início do século XX, quando a hegemonia britânica estava em declínio. A ênfase recai menos no início e no fim do sistema mundo-capitalista e mais sobre a evolução de novas formas institucionais de acumulação e a crescente incorporação de modos de controle à lógica do capitalismo. Arrighi (2006), seguindo uma dica de Andre Gunder Frank (1998), viu a ascensão da China como presságio de um novo ciclo sistêmico de acumulação em que a “sociedade de mercado” acabará por vir a substituir o capital financeiro vovoz como a principal forma institucional na próxima fase da história mundial. Arrighi não discute o fim do capitalismo e o surgimento de uma outra

lógica básica de reprodução social e de acumulação. Sua análise está mais alinhada com a literatura dos “tipos de capitalismo” e das “modernidades múltiplas”, com a ressalva de que ele está analisando todo o sistema ao invés de separar as sociedades nacionais.

Arrighi vê o desenvolvimento da sociedade de mercado na China como uma consequência das diferenças entre o Leste Asiático e os sistemas eurocêntricos antes de eles se fundirem no século 19, e também como resultado da Revolução Chinesa. Embora a discussão que promove das noções de Adam Smith a respeito do controle social sobre o capital financeiro seja interessante, Arrighi é vago em relação a quais forças poderiam contrabalançar o poder do capital financeiro. Na China, obviamente, são o Partido Comunista e a nova classe de mandarins tecnocratas - algo que se assemelha, na forma, à discussão de Peter Evans sobre a importância dos tecnocratas no “Estado desenvolvimentista”, brasileiro, japonês e coreano, embora Arrighi não tenha dito desta maneira.

Arrighi também fornece uma análise mais explícita de como a situação do mundo atual é semelhante e diferente do período de declínio do poder hegemônico britânico antes da Primeira Guerra Mundial (consulte um resumo em CHASE-DUNN; LAWRENCE, 2011, p. 147-151).

A versão de Wallerstein é mais apocalíptica e mais milenar. O velho mundo está acabando. O novo mundo está começando. Na bifurcação sistêmica que se aproxima, o que as pessoas fazem pode ser prefigurativo e causal do mundo vindouro. Wallerstein (1984b) concorda com a análise proposta pelos estudantes da Nova Esquerda em 1968 (e um grande número de ativistas do movimento de justiça global atual), na qual a tática de tomada do poder estatal tem se mostrado inútil devido aos resultados decepcionantes da Revolução Mundial de 1917 e aos movimentos de descolonização (porém, veja abaixo).

Globalização econômica

Quanto ao fato de o recente colapso em si ser ou não uma crise estrutural ou o início de um longo processo de transformação, é importante examinar

as tendências recentes na globalização econômica. Já existe algum sinal de que a economia mundial tenha entrado em um novo período de desglobalização semelhante ao que ocorreu na primeira metade do século XX?

Immanuel Wallerstein afirma que a globalização vem ocorrendo há quinhentos anos, e por isso há pouca coisa que seja verdadeiramente nova com relação ao assim chamado estágio do capitalismo global que, segundo se acredita, teria surgido nas últimas décadas do século XX. Bem antes do surgimento da globalização na consciência popular, a perspectiva dos sistemas-mundo tinha por foco a economia-mundo e o sistema de *politiques* que interagem, em vez de sociedades nacionais individuais. A globalização, no sentido de expandir e intensificar redes econômicas, políticas, militares e de informação cada vez maiores, tem crescido há milênios, embora de forma heterogênea e em ondas. A globalização é tanto um ciclo quanto uma tendência (Figura 2). A onda de integração global que varreu o mundo nas décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial é melhor compreendida através do estudo das semelhanças e diferenças em comparação com as ondas de expansão do comércio internacional e de investimentos estrangeiros que ocorreram nos séculos anteriores, especialmente na última metade do século XIX.

Wallerstein defende a ideia de que a hegemonia norte-americana continua em declínio, tendo interpretado o unilateralismo dos EUA na administração de Bush como uma repetição dos erros anteriores de hegemonias declinantes que tentaram substituir a vantagem econômica comparativa pela superioridade militar (WALLERSTEIN, 2003). A maioria daqueles que rejeitavam a ideia do declínio hegemônico norte-americano durante o período que Giovanni Arrighi (1994) chamou de *belle époque* da financeirização passou a concordar com a posição de Wallerstein, na esteira da atual crise financeira global. Wallerstein afirma que quando são levados em conta os ciclos e as tendências do sistema mundial e a dança das cadeiras que é o desenvolvimento desigual do capitalismo, a “nova fase do capitalismo global” não parece muito diferente de períodos anteriores.

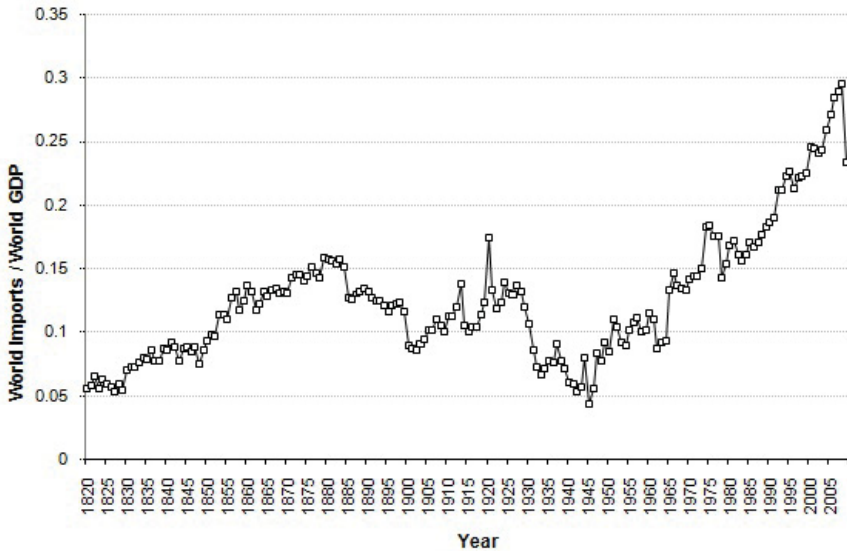


Figura 2: Globalização do Comércio (1820-2009): Importações Mundiais como uma porcentagem do PIB mundial

Fontes: Chase-Dunn *et al.* (2000); Banco Mundial (2011)⁶⁸

⁶⁸ Utilizando as estimativas nacionais de importações em moedas nacionais de Mitchell (1992, 1993, 1995), Chase-Dunn *et al.* (2000) criaram uma medida da globalização do comércio entre 1795 e 1995. Apesar de Chase-Dunn *et al.* terem explorado a possibilidade de converter estas estimativas de importação em unidades monetárias comparáveis usando taxas de câmbio (FX, em inglês) entre as moedas dos diversos países e o dólar norte-americano, esta estratégia se mostrou irreal, pois pressupõe que as conversões de divisas refletem com precisão o valor relativo dos bens e serviços em diferentes países. Embora uma solução popular para sanar as “deficiências” das taxas de câmbio tenha sido converter essas medidas em paridades do poder de compra (PPC) - que calculam o preço de uma cesta doméstica de bens a fim de gerar uma estimativa mais relativa das moedas nacionais (FIREBAUGH, 2003), Korzeniewicz e Moran (2009, p. 60-3) mostram que as estimativas das PPC são irrealistas para uma pesquisa que examine longos períodos de tempo a menos que os pesos para as PPC sejam recalculados para períodos anteriores de tempo. Dadas as questões associadas à conversão de moeda, Chase-Dunn *et al.* cuidadosamente compilaram a estimativa da globalização do comércio calculando, separadamente, o nível de abertura de cada nação ao comércio internacional. Para realizar esse cálculo, é computado o nível de abertura comercial de uma nação (importações/PIB), usando moedas locais no numerador e denominador, eliminando-se, assim, a necessidade de converter moedas locais em dólares ou outras unidades comparáveis. Esses estudiosos, em seguida, tomaram a proporção de abertura comercial de cada nação (comércio/PIB) e ponderaram as razões multiplicando-as pela população de um país, que é estimada como uma proporção da população mundial (para uma descrição mais detalhada, consulte CHASE-DUNN *et al.*, 2000,

A Figura 2 é uma versão atualizada da série de globalização do comércio publicada em Chase-Dunn *et al.*, (2000), e mostra a onda do século XIX de grande integração do comércio global, uma onda curta e volátil entre 1900 e 1929, e o *boom* do período pós-1945, que se caracteriza como a “fase do capitalismo global.” A figura indica que a globalização é tanto um ciclo quanto uma tendência irregular. Houve períodos significativos de desglobalização no final do século XIX e na primeira metade do século XX. Pode ser observado o declínio acentuado do nível de integração do comércio mundial em 2009.

A tendência de crescimento no longo prazo tem sido instável, com quedas ocasionais, como a ocorrida na década de 1970. Mas as recessões desde 1945 têm sido seguidas por períodos de retomada que restauraram a tendência geral de crescimento da globalização do comércio. A grande diminuição da globalização do comércio, na esteira da crise financeira global de 2008, representa uma redução de 21% em relação ao ano anterior, a maior reversão em globalização do comércio desde a Segunda Guerra Mundial. A questão é se esta forte queda representa ou não uma inversão da tendência de crescimento observada desde a metade do século passado. É este o início de um novo período de desglobalização?

A crise financeira de 2007-2008

A recente crise financeira gerou uma vasta literatura acadêmica e uma grande reflexão popular sobre suas causas e seu significado para o passado e para o futuro da sociedade mundial. Esta contribuição pretende situar a crise atual e a rede contemporânea de movimentos sociais transnacionais e de regimes nacionais progressistas em uma perspectiva histórico-mundial e evolucionária. O ponto principal é determinar com precisão as semelhanças

p. 84-86). No entanto, enquanto as estimativas de Chase-Dunn *et al.* sobre a globalização do comércio terminam em 1995, a Figura 2 amplia as estimativas usando dados dos Indicadores de Desenvolvimento Mundial (WORLD BANK, 2009, 2010). Também foram comparados os dados de Chase-Dunn aos dados comerciais do Indicador de Desenvolvimento Mundial de comércio para o período de 1960 a 1995, sendo encontrado um elevado grau de semelhança entre essas medidas. Legenda da figura: Importações mundiais/PIB mundial.

e diferenças entre a crise atual e as respostas com períodos anteriores de deslocamento e ruptura no moderno sistema-mundo e em sistemas-mundo anteriores.

Esta análise é relatada em Chase-Dunn e Kwon (2011). As conclusões são de que as crises financeiras são *business as usual* para a economia-mundo capitalista. As teorias de uma “nova economia” e de uma “sociedade em rede” foram, sobretudo, justificativas para a financeirização. A grande diferença é o tamanho da bolha e a maior dependência da enorme economia norte-americana e do dólar por parte do resto do mundo. Apesar da bolha financeira global ter sido reinflada com sucesso, até certo ponto, através do resgate de Wall Street financiado pelo governo, os problemas estruturais básicos não foram resolvidos; no entanto, foram evitados (até agora) um colapso de verdade, a deflação e a retirada de cena da massa inflada de títulos que constituem a bolha financeira. Esta não é uma situação estável, mas também não é o fim do capitalismo.

A Revolução Mundial atual

A revolução mundial contemporânea é semelhante às anteriores, mas também diferente. Nossa conceituação da Nova Esquerda Global inclui entidades da sociedade civil: indivíduos, organizações de movimentos sociais, organizações não governamentais (ONGs), mas também os partidos políticos e regimes nacionais progressistas.⁶⁹ Nesta seção, discutiremos as relações entre os movimentos e os regimes populistas progressistas que surgiram na América Latina nas últimas décadas, a Primavera Árabe, que começou na Tunísia, em dezembro de 2010, a antiausteridade e o movimento Occupy Wall Street, que surgiu em 2011. Em nosso entendimento, os regimes

⁶⁹ Conceituamos a sociedade civil global e o conjunto de cidadãos do mundo como todos aqueles que têm a intenção de causar impacto no sistema-mundo como um todo. Isto inclui alguns atores cujos objetivos não são compatíveis com os grupos que identificamos como parte da Nova Esquerda Global. Referimo-nos a alguns dos atores da elite global, cujo principal objetivo é proteger seus privilégios e bens, assim como alguns movimentos fundamentalistas religiosos.

latino-americanos da “Maré Cor-de-Rosa” (*Pink Tide*) são uma parte importante da Nova Esquerda Global, embora se saiba que as relações entre os movimentos e os regimes são tanto de apoio quanto de conflito.

Os limites das forças progressistas que se uniram na Nova Esquerda Global são difusos e o processo de inclusão e exclusão é contínuo (SANTOS, 2006). As regras de inclusão e exclusão que estão contidas na Carta de Princípios do Fórum Social Mundial, embora ainda debatidas, não mudaram muito desde sua formulação em 2001.⁷⁰

A Nova Esquerda Global emergiu como resistência e como crítica ao capitalismo global (LINDHOLM; ZUQUETE, 2010). É uma coalizão de movimentos sociais que inclui encarnações recentes dos velhos movimentos sociais que emergiram no século XIX (trabalho, anarquismo, socialismo, comunismo, feminismo, ambientalismo, paz, direitos humanos) e os movimentos que surgiram nas revoluções mundiais de 1968 e 1989 (direitos dos homossexuais, anticorporativismo, comércio justo, causa indígena) e até mesmo os movimentos mais recentes, como *slow food/food rights*, justiça global/alterglobalização, antiglobalização, saúde e HIV e mídia alternativa (REESE *et al.*, 2008). O foco explícito no Sul Global e na justiça global é um pouco semelhante a algumas instâncias anteriores da Esquerda Global, especialmente da Internacional Comunista, da Conferência de Bandung e dos movimentos anticoloniais. A Nova Esquerda Global contém vestígios e elementos reconfigurados de esquerdas globais anteriores, mas é uma constelação de forças qualitativamente diferente, porque:

1. existem elementos novos,
2. os movimentos antigos foram reformulados, e
3. uma nova tecnologia (a Internet) está sendo usada para mobilizar protestos em tempo real e tentar resolver os problemas Norte/Sul dentro dos movimentos e das contradições entre os movimentos.

Há também um processo de aprendizagem em que os sucessos e fracassos anteriores da Esquerda Global estão sendo levados em conta, a fim

⁷⁰ Desde 2005, o Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais Transnacionais da Universidade da Califórnia-Riverside realiza estudos sobre os movimentos que participam do Fórum Social Mundial. A página do projeto na Internet pode ser visitada no endereço <<http://www.irows.ucr.edu/research/tsmstudy.htm>>.

de que não se repitam os erros do passado. Muitos movimentos sociais reagiram ao projeto de globalização neoliberal tornando-se transnacionais para enfrentar os desafios que, obviamente, não são locais ou nacionais (REITAN, 2007). Mas alguns movimentos, especialmente aqueles que compõem a Primavera Árabe, estão focados principalmente na mudança de regime em âmbito local. As relações dentro da família de movimentos antissistêmicos e entre os regimes populistas latino-americanos da Maré Cor-de-Rosa são tanto cooperativas quanto competitivas. As questões que dividem os possíveis aliados precisam ser trazidas à tona e analisadas para que seja possível melhorar os esforços de cooperação e tornar mais eficaz uma ação coletiva global progressiva.

A Maré Cor-de-Rosa

O Fórum Social Mundial (FSM) não é a única força política que comprova o surgimento da Nova Esquerda Global. O FSM está incorporado dentro de um contexto sócio-histórico mais amplo que está desafiando a hegemonia do capital global. Foi esse contexto mais amplo que facilitou a organização do FSM em 2001. Os protestos anti-FMI dos anos oitenta e a rebelião zapatista de 1994 foram precursores da revolução mundial atual que desafiou a ordem capitalista neoliberal. E o Fórum Social Mundial foi concebido explicitamente como um projeto contra-hegemônico em contraponto ao Fórum Econômico Mundial (um encontro anual de elites globais fundado em 1971).

A história mundial tem ocorrido em uma série de ondas. A expansão capitalista tem fluído e refluído, e contramovimentos religiosos, humanistas e igualitários surgiram em uma luta dialética cíclica, que Polanyi (1944) denominou duplo movimento, enquanto Boswell e Chase-Dunn (2000) criaram o termo “espiral do capitalismo e do socialismo”. Esta espiral do capitalismo e do socialismo descreve as ondulações da economia global que se alternavam entre a mercantilização expansiva em toda a economia global e os movimentos de resistência em prol dos trabalhadores e outros grupos

oprimidos. O projeto Reagan/Thatcher de globalização capitalista neoliberal ampliou o poder do capital transnacional. Esse projeto atingiu seus limites ideológicos e materiais, aumentou a desigualdade dentro de alguns países, agravou a rápida urbanização no Sul Global - o chamado Planeta Favela (DAVIS, 2006), atacou o Estado-Providência e as proteções institucionais aos pobres, e acarretou a crise financeira global.

Uma rede global de movimentos antissistêmicos surgiu para desafiar o neoconservadorismo, o neoliberalismo e o capitalismo corporativo em geral. Esta rede progressista é composta de movimentos sociais cada vez mais transnacionais, bem como um número crescente de governos populistas na América Latina, os chamados regimes da Maré Cor-de-Rosa (*Pink Tide*). A Maré Cor-de-Rosa é composta de regimes populistas de esquerda que chegaram ao comando do Estado na América Latina, alguns dos quais defendem a transformação estrutural dramática da economia política global e da civilização mundial.

Uma diferença importante entre esses regimes e vários regimes de esquerda que os antecederam nas regiões não centrais é que vieram para comandar governos por meio de eleições populares em vez de revoluções violentas. Isso significa uma diferença importante em relação às revoluções mundiais anteriores. A expansão da democracia eleitoral para as regiões não centrais tem sido parte de uma maior incorporação política das ex-colônias no sistema interestatal europeu. Este desenvolvimento evolucionário do sistema político global tem sido causado principalmente pela industrialização das regiões não centrais e o aumento da classe trabalhadora urbana em países não centrais (SILVER, 2003). Embora grande parte da “democratização” do Sul Global consistiu principalmente no surgimento de uma “poliarquia”, em que elites manipulam eleições a fim de manter o controle do Estado (ROBINSON, 1996), em alguns países, os regimes de esquerda da Maré Cor-de-Rosa chegaram ao poder através de eleições. Esta é uma forma muito diferente de se estabelecer regimes do que o caminho tomado pelos regimes de esquerda anteriores nas regiões não centrais. Com poucas exceções, os regimes de esquerda anteriores chegaram ao poder do Estado por meio de guerra civil ou golpe militar.

As ideologias dos regimes latino-americanos da Maré Cor-de-Rosa têm sido tanto socialistas quanto indigenistas, com combinações distintas em diferentes países. O grande fio condutor da Maré Cor-de-Rosa, como uma marca distintiva do populismo de esquerda, é a revolução bolivariana liderada pelo presidente venezuelano, Hugo Chávez. Mas várias outras formas de ideologias políticas progressistas também estão à frente de estados latino-americanos; por exemplo, o indigenista e socialista Evo Morales, Presidente da Bolívia, ou os Fidelistas em Cuba, que permanecem no poder. O Partido dos Trabalhadores ainda desempenha um papel importante no Brasil, embora os presidentes eleitos tenham sido políticos pragmáticos, em vez de líderes revolucionários. No Chile, estão no poder os sociais-democratas. Os sandinistas na Nicarágua e a FMLN em El Salvador foram eleitos líderes nacionais. De forma unilateral, a Argentina bravamente reestruturou as próprias obrigações da dívida em 2005. O Presidente do Peru é um esquerdista. E vários sociais-democratas de estilo europeu governam algumas ilhas do Caribe.

A maioria desses regimes é apoiada pela mobilização das populações historicamente subordinadas, incluindo os indígenas, os pobres e as mulheres. A ascensão dos desprovidos de voz e o desafio ao capitalismo neoliberal parecem ter seu epicentro na América Latina antes do surgimento da Primavera Árabe. Apesar das diferenças importantes de ênfase, esses regimes latino-americanos têm muito em comum, e, como um todo, constituem um importante bloco da Nova Esquerda Global. Concordamos com a avaliação que William I. Robinson (2008) fez da Revolução Bolivariana e o potencial desta para liderar a classe trabalhadora global em um desafio renovado para o capitalismo transnacional.

A ascensão da esquerda populista tomou conta de quase toda América do Sul e de uma parte considerável da América Central e do Caribe. Por que a América Latina foi o local tanto dos regimes populistas de esquerda quanto da maioria dos movimentos sociais transnacionais que contestam a globalização capitalista neoliberal, até recentemente? Sugerimos que parte da explicação deve-se ao fato de que a América Latina é uma região do mundo que tem muitos países semiperiféricos. Estes países têm mais opções para

buscar estratégias independentes do que os países periféricos, principalmente os da África. Mas alguns dos países da Maré Cor-de-Rosa na América Latina também são periféricos. Houve um efeito regional que não parece ocorrer na África ou na Ásia. Talvez o fenômeno da Maré Cor-de-Rosa e os movimentos sociais antineoliberais se concentraram na América Latina porque os Estados Unidos são o maior defensor das políticas neoliberais. A América Latina tem sido o “quintal” neocolonial dos Estados Unidos, e a maioria dos povos da América Latina percebe os Estados Unidos como o “colosso do Norte”. Os EUA têm sido o país hegemônico titular durante o período do projeto de globalização capitalista, e por isso o desafio político para o neoliberalismo tem sido mais forte nessa região do mundo. A África e a Ásia têm uma relação mais complicada com as ex-potências coloniais e com a hegemonia norte-americana.

O Presidente da Venezuela Hugo Chávez talvez seja o defensor mais contundente de uma alternativa ao capitalismo global, e sua defesa é bastante facilitada pelas enormes reservas de petróleo venezuelanas. O Banco del Sur (Banco do Sul) que Chávez fundou, por exemplo, recebeu a adesão de muitas nações da Maré Cor-de-Rosa e visa substituir o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial no financiamento de projetos de desenvolvimento nas Américas. O objetivo é tornar-se independente das instituições capitalistas financeiras sediadas no Norte Global.

Os primeiros Programas de Ajuste Estrutural impostos à América Latina pelo Fundo Monetário Internacional na década de oitenta foram uma espécie de “terapia de choque” que incentivaram os neoliberais nacionais a atacar o “estado-providência”, os sindicatos e os partidos trabalhistas. Em muitos países, estes ataques resultaram na redução e simplificação das indústrias urbanas, e os trabalhadores do setor formal perderam seus empregos e foram obrigados a entrar na economia informal, inchando o “planeta favela” (DAVIS, 2006). Isto é a formação de uma classe trabalhadora globalizada, conforme descrito por Bill Robinson (2008). Em vários países, o inchaço do setor urbano informal foi mobilizado por líderes políticos em novos movimentos e partidos populistas, e em alguns deles, os movimentos acabaram por ser bem-sucedidos na eleição de seus líderes ao poder nacional, criando

os regimes da Maré Cor-de-Rosa. Assim, os Programas de Ajuste Estrutural neoliberais provocaram contramovimentos que resultaram nos regimes da Maré Cor-de-Rosa.

A própria existência do Fórum Social Mundial deve muito ao regime da Maré Cor-de-Rosa no Brasil. A transição de um regime autoritário no país na década de oitenta politizou e mobilizou a sociedade civil, contribuindo para as eleições de presidentes esquerdistas. Um deles foi Fernando Henrique Cardoso, famoso sociólogo brasileiro que foi um dos fundadores da teoria da dependência. A cidade brasileira de Porto Alegre, onde as primeiras reuniões do Fórum Social Mundial foram realizadas, havia sido um reduto do Partido dos Trabalhadores brasileiro. O Fórum Social Mundial nasceu em Porto Alegre com a ajuda indispensável do Partido dos Trabalhadores e seu ex-líder, que havia sido eleito Presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva. A tendência política da Maré Cor-de-Rosa foi um elemento importante no contexto e nas condições que permitiram o surgimento do Fórum Social Mundial.

As relações entre os movimentos sociais transnacionais progressistas e os regimes da Maré Cor-de-Rosa têm sido tanto colaborativas quanto conflituosas. Já citamos o importante papel desempenhado pelo Partido dos Trabalhadores brasileiro na criação do Fórum Social Mundial. No entanto, para muitos militantes nos diversos movimentos, o envolvimento em lutas para a conquista e a manutenção do poder nos estados existentes é uma armadilha que, provavelmente, apenas reproduzirá as injustiças do passado. Esse tipo de preocupação é apontado pelos anarquistas desde o século XIX, mas agora os autonomistas da Itália, Espanha, Alemanha e França também ecoam estas preocupações. E o movimento zapatista no sul do México, uma das faíscas que desencadeou o movimento de justiça global contra o capitalismo neoliberal, recusou-se terminantemente a participar da política eleitoral mexicana. De fato, a Nova Esquerda liderada por estudantes na Revolução Mundial de 1968 defendeu uma abordagem crítica semelhante aos velhos partidos e estados da esquerda e ao envolvimento na política eleitoral. Conforme mencionado acima, Immanuel Wallerstein (1984b; 2003) concorda com esta posição política antiestatista. Esta recusa a forma

tradicional de fazer política se consagrou na Carta de Princípios do Fórum Social Mundial, onde os representantes de partidos e governos estão teoricamente proibidos de participar das reuniões do FSM.⁷¹

As organizações de esquerda e movimentos mais antigos são muitas vezes retratados como irremediavelmente eurocêntricos e antidemocráticos pelos neoanarquistas e autonomistas, que ao invés disso preferem formas de redes participativas e horizontalistas de democracia e evitam a liderança de intelectuais proeminentes, bem como de chefes de Estado existentes. Assim, quando Lula, Chávez e Morales tentaram participar do FSM, grandes multidões se reuniram para protestar contra a presença desses líderes. Os organizadores do FSM têm encontrado fórmulas conciliatórias, como colocar os discursos dos políticos da Maré Cor-de-Rosa em locais adjacentes, mas separados. Uma exceção a esse tipo de disputa é o apoio de autonomistas europeus e anarquistas ao regime de Evo Morales na Bolívia (por exemplo, LÓPEZ; IGLESIAS TURRION, 2006). Muitos dos ativistas do movimento *Ocuppy Wall Street*, que começou em Nova York no outono de 2011, têm uma atitude semelhante para com a organização formal e a hierarquia. O movimento se autodescreveu como “sem liderança” e centrou-se na tomada direta e democrática de decisões em grupos que se encontram cara a cara.

A América Latina tem sido o epicentro da revolução mundial contemporânea. Se os movimentos e os regimes progressistas pudessem trabalhar juntos, forneceriam um modelo que estimularia outras regiões do planeta. Os desafios são enormes, mas a maioria da humanidade necessita de instrumentos organizacionais para democratizar a governança global, e o Fórum Social Mundial foi concebido para ser o local a partir de onde tais instrumentos poderiam ser organizados.

⁷¹ A Carta de Princípios do Fórum Social Mundial não permite a participação de representantes de organizações que estão envolvidas ou que defendem a luta armada. Tampouco os governos, as instituições confessionais ou os partidos políticos devem enviar representantes para o FSM. Consulte a Carta de Princípios do Fórum Social Mundial na página <<http://wsf2007.org/process/wsf-charter>>.

A crise e os movimentos antissistêmicos

Quais foram os efeitos da crise financeira global sobre os contra-movimentos e os regimes progressistas nacionais? O *slogan* do Fórum Social Mundial “Um Outro Mundo é Possível” parece muito mais atraente agora do que quando o projeto de globalização capitalista estava em expansão. O discurso crítico foi levado mais a sério por um público mais amplo. O geógrafo marxista David Harvey foi entrevistado pela BBC. Os discursos milenaristas dos regimes da Maré Cor-de-Rosa e os movimentos sociais radicais parecem estar pelo menos parcialmente confirmados. O triunfalismo do “fim da história” e as teorias da “nova economia” parecem ter sido varridos para o lixo. A perspectiva dos sistemas-mundo tem encontrado maior apoio, pelo menos entre os primeiros críticos, como os marxistas mais tradicionais. A insistência de Wallerstein, Arrighi e outros de que a hegemonia dos EUA está em declínio há muito tempo já encontrou ampla aceitação.

Em um nível mais prático, a maioria das organizações de movimentos sociais e ONGs vêm enfrentando mais dificuldade em arrecadar fundos, mas isso tem sido contrabalançado por uma participação mais ampla (ALLISON *et al.*, 2011). O movimento ambientalista está enfrentando alguns contratempos porque tem vindo à tona a questão da elevada taxa de desemprego. De forma geral, a cúpula de Copenhague foi considerada um fracasso. O amplo entendimento de que os custos energéticos vão continuar a subir aumentou o número de pessoas que apoia o desenvolvimento da energia nuclear, apesar dos custos ambientais em longo prazo. Mas o terremoto no Japão, o *tsunami* e a crise nuclear em 2011 levaram o governo alemão à declaração de um futuro não nuclear. Além disso, a alternativa radical do ambientalismo indígena ganhou impulso (WALLERSTEIN, 2010). A Conferência Mundial dos Povos sobre Mudança Climática e Direitos da Mãe Terra, realizada em Cochabamba, na Bolívia, em abril de 2010, discutiu a Declaração Universal dos Direitos da Mãe Terra, um referendo Popular Mundial sobre Mudança Climática, e o estabelecimento de um Tribunal de Justiça Climática. A reunião foi assistida por 30.000 ativistas de mais de 100 países e recebeu o apoio financeiro dos governos da Bolívia e da Venezuela.

A Primavera Árabe, o Verão Europeu e o Movimento Occupy Wall Street

Os movimentos que varreram o mundo árabe desde dezembro de 2010 também fazem parte da revolução mundial atual e podem desempenhar um papel na Nova Esquerda Global. Como em revoluções mundiais anteriores, o contágio e as novas tecnologias de comunicação têm sido elementos importantes. E, como nas revoluções mundiais anteriores, movimentos bastante diferentes, estimulados por diferentes condições locais, convergem na hora de desafiar os poderes constituídos. Os movimentos da Primavera Árabe foram bastante diferentes dos movimentos de justiça global, tendo por principais alvos os regimes autoritários nacionais, em vez do capitalismo global. Jovens manifestantes usaram a rede social Facebook para organizar principalmente protestos pacíficos que conseguiram fazer com que vários antigos regimes arraigados renunciassem. Os países em que esses movimentos foram bem-sucedidos não são os países mais pobres da África e do Oriente Médio. Ao contrário, foram os países semiperiféricos, em que um grupo grande de mobilização de jovens tem acesso às mídias sociais. Em muitos casos, os velhos autocratas estavam tentando implantar programas de austeridade para que pudessem tomar mais dinheiro emprestado do exterior, o que preparou o cenário para os movimentos de massa. Mas os movimentos da Primavera Árabe não levantaram, explicitamente, as questões da austeridade e da dependência financeira global.⁷²

As questões levantadas pelos movimentos da Primavera Árabe estavam relacionadas principalmente à democracia nacional, não à justiça global. Mas o exemplo das massas de jovens unidos contra regimes impopulares se espalhou rapidamente para os estados centrais de segundo nível da Europa. A Espanha e a Grécia testemunharam grandes manifestações antiausteridade que foram inspiradas na Primavera Árabe. Essas manifestações foram dirigidas a regimes nacionais impopulares, mas também à estrutura financeira

⁷² A intervenção da OTAN na Líbia exibiu a ilegitimidade tanto de Khadafi quanto do nascente Estado global que o depôs.

global que tem exercido pressão sobre a austeridade draconiana e as novas privatizações no contexto da crise financeira global. Os programas de austeridade são as condições impostas pelo capital financeiro global para reinflar as estruturas de acumulação desses países europeus centrais de segundo nível. As rebeliões populares antiausteridade poderiam também provocar um colapso ainda maior se os investidores financeiros e respectivos agentes institucionais perdessem a fé na capacidade do sistema de reproduzir as estruturas existentes de acumulação. Os movimentos antiausteridade também se espalharam para alguns dos estados centrais onde crises fiscais graves levaram ao desmantelamento dos serviços públicos. O surgimento do movimento *Ocuppy Wall Street*, na cidade de Nova York, e sua rápida disseminação até pequenas cidades dos EUA e outras cidades do mundo todo, mostra que a resistência popular ao capital financeiro global é de fato generalizada (CHASE-DUNN; CURRAN-STRANGE, 2012).

O que há de realmente errado com o capitalismo?

Os movimentos e regimes que procuram transcender o capitalismo devem ter ideias claras sobre o que há realmente de errado com o capitalismo e como é possível corrigir estas deficiências. Estamos de acordo com Arrighi (2006) quanto à ideia de que os mercados em si não são o problema em relação ao capitalismo. O uso de ideias como a mercantilização e a privatização por políticos neoliberais para atacar os sindicatos e o estado-providência tende a causar uma reação excessiva contra os mercados e a mercantilização.

Os mercados são úteis para fornecer sinais sobre demandas, pois as pessoas votam com seu dinheiro. As revoluções mundiais anteriores criticaram a mercantilização como um problema central do capitalismo. Esta foi uma maneira de mobilizar as massas alienadas quanto à impessoalidade das interações de mercado e às enormes desigualdades que pareciam ser produzidas por trocas mercantilizadas. O modelo de John Roemer (1994) de socialismo de mercado, no qual as ações de grandes empresas são distribuídas

igualmente para cada cidadão e podem ser trocadas por ações que são consideradas mais rentáveis, continuaria a exercer pressão sobre as grandes empresas para que essas fossem eficientes e obtivessem lucros, distribuindo as recompensas de forma mais igualitária para toda a população. Isto resolve o problema das “restrições orçamentárias brandas” em economias planificadas, como a União Soviética e a República Popular da China, pois as empresas devem vender produtos em um mercado competitivo e devem competir entre si pelo capital. Ainda não se experimentou tal modelo. Os experimentos na distribuição de cupons realizados durante a “terapia de choque” neoliberal na Europa Oriental após a queda do comunismo eram piadas cruéis através das quais as velhas oligarquias comunistas puderam estabelecer-se como novas proprietárias capitalistas dos grandes meios de produção. Apesar de concordarmos que não se deva experimentar o “socialismo” organizado como uma economia de comando centralizado baseada na propriedade estatal, acreditamos que outros modelos de socialismo podem muito bem desempenhar um papel importante no futuro, pois o capitalismo produz e reproduz níveis inaceitáveis de desigualdade. Boswell e Chase-Dunn (2000) imaginam uma forma plausível de socialismo em nível mundial que combina o socialismo de mercado de Roemer com instituições globais que reduzem as relações centro/periferia e conferem algum poder aos trabalhadores na periferia.

A revolução mundial de 1917 também atacou o individualismo como um dos males do capitalismo, o que foi um grande erro. A proteção dos direitos da pessoa humana é um valioso elemento da modernidade que não deveria ser atacado pelos socialistas. É um erro chamá-la de “individualismo burguês” e denegrir as proteções legais dos indivíduos que foram asseguradas em algumas constituições e aplicadas por alguns Estados. A racionalidade coletiva e a validação das comunidades humanas não exigem a rejeição do individualismo como um valor. Esse foi um erro reativo dos movimentos anteriores. As grandes populações já se tornaram aculturadas às trocas via mercado e aos direitos individuais. A cultura do consumismo não é um problema porque o mercado é alienante. O problema está no fato de que tal cultura foi organizada como desperdício perdulário dos recursos naturais e como poluição. Os movimentos neossocialistas precisam

construir novas versões de racionalidade coletiva que respeitem os direitos dos indivíduos.

As grandes questões do século 21 serão a degradação ambiental, as desigualdades norte/sul e a crise de governança global, devido ao declínio da hegemonia dos EUA. As desigualdades podem ser tratadas por meio da estratégia de socialismo de mercado ou por uma versão global do keynesianismo, ou uma mistura dos dois. Ambos exigiriam instituições legítimas e com grande capacidade de governança global. Crises de degradação ambiental, tais como o aquecimento global e a justiça climática, também exigirão instituições globais legítimas e eficazes. E a degradação ambiental causa disputas pelos recursos. Essas disputas podem ser reduzidas por meio da resolução de conflitos por instituições democráticas de governança global. O capitalismo é um problema ambiental porque as empresas capitalistas tendem a externalizar os custos ambientais de suas operações. Uma mudança exigirá instituições reguladoras que tenham a capacidade de fazer cumprir as decisões tomadas democraticamente a respeito do uso dos recursos naturais e a respeito de quem vai pagar pela limpeza da poluição.

Conclusões

Assim sendo, os desenvolvimentos recentes constituem o início da crise terminal do capitalismo ou o início de outro ciclo sistêmico de acumulação? Conforme mencionado acima, o capitalismo predominante não existe há tanto tempo, do ponto de vista da sucessão de lógicas de reprodução social qualitativamente diferentes. Mas o capitalismo em si acelera a mudança social. As contradições do capitalismo especificadas por Wallerstein acabarão atingindo níveis nos quais elas não poderão ser controladas. Mas quando isso vai acontecer? Declarações de uma transformação iminente rumo a um modo qualitativamente diferente, mais humano e sustentável de acumulação são úteis para a mobilização de movimentos sociais. No entanto, o milenarismo corre o risco de desapontar quando a nova era utópica não chegar. Porém, são necessários experimentos no socialismo de mercado e

em comunidades ambientalmente saudáveis a fim de se demonstrar que essas formas de vida social são viáveis.

Acreditamos que tanto uma nova etapa do capitalismo quanto uma transformação sistêmica qualitativa são possíveis nas próximas três décadas, mas um novo estágio do capitalismo é mais provável. Foi observado acima que a evolução da governança global ocorre quando os conservadores esclarecidos implementam as demandas de uma revolução mundial anterior com o propósito de arrefecer as pressões vindas de baixo que são trazidas à tona na revolução mundial corrente. Pensamos que o resultado mais provável da crise atual e da revolução mundial será uma forma de keynesianismo global em que parte da elite global, estimulada por revoltas e crises, formará um conjunto mais legítimo e democrático de instituições de governança global a fim de melhorar alguns dos problemas do século 21.

Se o declínio da hegemonia dos EUA for lento, como tem sido desde os anos setenta, e se as crises financeira e ambiental forem escalonadas no tempo e os conflitos entre grupos étnicos e nações também forem escalonados, os conservadores esclarecidos e seus aliados terão, dessa forma, a chance de construir outra ordem mundial que, mesmo permanecendo capitalista, atenda aos desafios atuais, pelo menos parcialmente. Mas caso essas situações ocorram no mesmo período, os movimentos terão a chance de mudar radicalmente o modo de acumulação para alguma forma de socialismo global.

Enquanto isso, de uma forma ou outra, os movimentos precisam esclarecer o que há de errado com o capitalismo e o que poderia ser feito para substituí-lo. Mesmo que a transformação rumo a uma comunidade coletivamente racional global não ocorra desta vez, a propagação das ideias e das demandas sinalizará a direção certa.

Referências

ALLISON, Juliann; BRECKENRIDGE-JACKSON, Ian; GUENTHER, Katja M. *et. al.* "Is the economic crisis a crisis for social justice activism?". **Policy Matters** v. 5, n. 1 (Spring), 2011. Disponível em: <<http://policymatters.ucr.edu/Alexis>>.

ALVAREZ, Hiroko Inoue; LAWRENCE, Kirk; COURTNEY, Evelyn *et al.* “Semiperipheral Development and Empire Upsweeps Since the Bronze Age” **IROWS Working Paper #56**, 2011. Disponível em: <<http://irows.ucr.edu/papers/irows56/irows56.htm>>.

AMIN, Samir. **Capitalism in an Age of Globalization**. London: Zed Books, 1997.

ARRIGHI, Giovanni. **The Long Twentieth Century**. London: Verso, 1994.

_____. **Adam Smith in Beijing**. London: Verso, 2006.

_____; Terence K. HOPKINS, Terence; WALLERSTEIN, Immanuel. 1989. **Antisystemic Movements**. London: Verso, s.d.

_____; SILVER, Beverly. **Chaos and Governance in the Modern World-System: Comparing Hegemonic Transitions**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

BARBOSA, Luis C.; HALL, Thomas D. “Brazilian slavery and the world economy”. **Western Sociological Review**, v. 15, n.1, p. 99-119, 1985.

BERGESEN, Albert; SCHOENBERG, Ronald. “Long waves of colonial expansion and contraction 1415-1969” *In*: BERGESEN, Albert (ed.). **Studies of the Modern World-System**. New York: Academic Press, 1980. p. 231-278.

BORNSCHIER, Volker. “On the evolution of inequality in the world system”. *In*: STUTER, Christian Suter (ed.). **Inequality Beyond Globalization: Economic Changes. Social Transformations and the Dynamics of Inequality**. Berlin: World Society Studies, 2010.

BORNSCHIER, Volker; CHASE-DUNN, Cristopher (eds.). **The Future of Global Conflict**. London: Sage, s.d.

BOSERUP, Ester. **Population and Technological Change**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

BOSWELL, Terry; CHASE-DUNN, Cristopher. **The Spiral of Capitalism and Socialism: Toward Global Democracy**. Boulder, CO.: Lynne Rienner, 2000.

BRENNER, Robert. **The Boom and the Bubble: The U.S. in the World Economy**. London: Verso, 2002.

BUNKER, Stephen; CICCATELL, Paul. **Globalization and the Race for Resources**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2005.

CARROLL, William K. **The Making of a Transnational Capitalist Class**. London: Zed Press, 2010.

CHASE-DUNN, Christopher. **Global Formation: Structures of the World- Economy**. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 1998.

_____. **Orfalea Lecture on the evolution of societal organization**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=FxNgOkU6NzY>>.

CHASE-DUNN, C.; BABONES, Salvatore (eds.). **Global Social Change: Historical and Comparative Perspectives**. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, s.d..

CHASE-DUNN, C.; BOSWELL, Terry. "Semiperipheral development and global democracy". In: MOORE, Phoebe; WORTH, Owen. **Globalization and the Semiperiphery**: New York: Palgrave MacMillan, 2009.

CHASE-DUNN, C.; KAWANO, Yukio; BREWER, Benjamin. "Trade globalization since 1795: waves of integration in the world-system". **American Sociological Review**, v. 65, n. 1, p. 77-95, 2000.

CHASE-DUNN, Christopher; HALL, Thomas D. **Rise and Demise: Comparing World-Systems**. Boulder, CO: Westview, 1997.

CHASE-DUNN, C., KWON, Roy; LAWRENCE, Kirk; INOUE, Hiroko. "Last of the hegemon: U.S. decline and global governance". **International Review of Modern Sociology**, v. 37, n. 1, p. 1-29, 2011.

CHASE-DUNN, C.; KWON, Roy. "Crises and Counter-Movements in World Evolutionary Perspective". In: SUTER, Christian; HERKENRATH, Mark (Eds.). **The Global Economic Crisis: Perceptions and Impacts (World Society Studies 2011)**. Wien/Berlin/Zürich: LIT Verlag, 2011.

CHASE-DUNN, C.; LAWRENCE, Kirk. "The Next Three Futures, Part One: Looming Crises of Global Inequality, Ecological Degradation, and a Failed System of Global Governance". **Global Society**, v. 25, n. 2, p.137-153, 2011. Disponível em: <<http://irows.ucr.edu/papers/irows47/irows47.htm>>.

CHASE-DUNN C.; REESE, Ellen. "Global political party formation in world historical perspective". In: *SEHM-PATOMAKI, Katarina; ULVILA, Marko* (eds.). **Global Political Parties**. London: Zed Press, 2007.

CHASE-DUNN, C.; NIEMEYER, R.E.. "The world revolution of 20xx". p. 35-57 In MATHIAS, Albert; BLUHM, Gesa; HELMIG, Han *et al.* (eds.). **Transnational Political Spaces**. Campus Verlag: Frankfurt/New York, 2009.

CHASE-DUNN, C.; LERRO, Bruce. "Democratizing Global Governance: Strategy and Tactics in Evolutionary Perspective". **IROWS Working Paper #40**, 2008.

CHASE-DUNN, Christopher; PODOBNIK, Bruce. "The Next World War: World-System Cycles and Trends". **Journal of World-Systems Research**, v. 1, n. 6, 1995. Disponível em: <http://jwsr.ucr.edu/archive/vol1/v1_n6.php>.

Chase-Dunn, C.; CURRAN-STRANGE, Michaela. "The diffusion of the Occupy movement in California". **IROWS Working Paper #74**, 2012. Disponível em: <<http://irows.ucr.edu/papers/irows74/irows74.htm>>.

CIOFFI, John W. "The Global Financial Crisis: Conflicts of Interest, Regulatory Failures, and Politics". **Policy Matters**, v. 4, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://policymatters.ucr.edu/>>.

COLLINS, Randall. "Geopolitical conditions of internationalism, human rights and world law". **Journal of Globalization Studies**, v.1 , n. 1, p. 29-45, 2010.

DAVIS, Mike. **Planet of Slums**. London: Verso, 2006.

_____. "Spring confronts Winter". **New Left Review**, n. 72, p.5-15, 2011.

EVANS, Peter B. **Dependent Development: the alliance of multinational, state and local capital in Brazil**. Princeton University Press, 1979.

FIREBAUGH, Glenn. **The New Geography of Global Income Inequality**. Cambridge and London: Harvard University Press, 2003.

FLETCHER, Jesse B; APKARIAN, Jacob; HANNEMAN, Robert A; INOUE, Hiroko; LAWRENCE, Kirk; CHASE-DUNN, Christopher. "Demographic Regulators in Small-Scale World-Systems". **Structure and Dynamics**, v. 5, n.1, 2011.

FRANK, Andre Gunder. **Reorient: Global Economy in the Asian Age**. Berkeley: University of California Press, 1998.

GOLDFRANK, Walter L. "Beyond hegemony". *In*: BORNSCHIER, Volker; CHASE-DUNN, Christopher (eds.). **The Future of Global Conflict**. London: Sage, 1999.

GOLDSTONE, Jack A. **Revolution and Rebellion in the Early Modern World**. Berkeley: University of California Press, 1991.

GRAMSCI, Antonio. **Selections for the Prison Notebooks**. New York: International Publishers, 1971.

Grinen, Leonid; KORTAYEV, Andrey. "Will the global crisis lead to global transformations?: the global financial system—pros and cons". **Journal of Globalization Studies**, v. 1, n. 1, p. 70-89, may, 2010.

HALL, Thomas D.; CHASE-DUNN, Christopher. "Global social change in the long run". *In*: C. Chase-Dunn and S. Babones (eds.). **Global Social Change: Historical and Comparative Perspectives**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2006. p. 33-58.

HAMASHITA, Takeshi. "Tribute and treaties: maritime Asia and treaty port networks in the era of negotiations, 1800-1900". *In*: ARRIGHI, Giovanni; HAMASHITA, Takeshi; SELDEN, Mark (eds.). **The Resurgence of East Asia**. London: Routledge, 2003. p. 17-50.

HARVEY, David. **The Limits to Capital**. Cambridge, MA: Blackwell, 1982.

_____. **The Enigma of Capital**, s.l., 2010.

_____. "The crisis of capitalism". 2010. Disponível em: <<http://davidharvey.org/2010/05/video-the-crises-of-capitalism-at-the-rsa/>>.

HENIGE, David P. **Colonial Governors from the Fifteenth Century to the Present**. Madison, WI.: University of Wisconsin Press, 1970.

HENWOOD, Doug. **Wall Street : how it works and for whom** London: Verso, 1997.

HILFERDING, Rudolf. **Finance Capital: A Study Of The Latest Phase Of Capitalist Development**. London : Routledge & Kegan Paul, 1981.

HOBBSBAWM, Eric. **The Age of Extremes: A History of the World, 1914-1991.** New York: Pantheon, 1994.

KAMLANI, Deirdre Shay. **The four faces of power in sovereign debt restructuring:** Explaining Bargaining Outcomes Between Debtor States and Private Creditors Since 1870. Unpublished Thesis, London School of Economics, 2008.

KLEIN, Naomi. **The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism.** New York: Henry Holt and Company, 2007.

KORZENIEWICZ, Roberto P.; MORAN, Timothy Patrick. "Measuring World Income Inequalities." **American Journal of Sociology**, v. 106, n.1, p. 209-221, 2000.

_____. **Unveiling Inequality: A World Historical Perspective.** New York, NY: Russell Sage Foundation, 2009.

KRIPPNER, Greta R. "The political economy of financial exuberance". *In*: LOUNSBURY, Michael (ed.). **Markets on Trial: The Economic Sociology of the U.S. Financial Crisis: Part B (Research in the Sociology of Organizations, Volume 30)** Bingley, UK: Emerald Group Publishing Limited, 2010. p. 141-173.

KUECKER, Glen. "The perfect storm". **International Journal of Environmental, Cultural and Social Sustainability**, n. 3, 2007.

LAWRENCE, Kirk. "Toward a democratic and collectively rational global commonwealth: semiperipheral transformation in a post-peak world-system" *In*: MOORE, Phoebe; WORTH, L.Owen . **Globalization and the Semiperiphery.** New York: Palgrave MacMillan, 2009.

LINDHOLM, Charles; ZUQUETE; Jose Pedro. **The Struggle for the World: Liberation Movements for the 21st Century.** Palo Alto, CA: Stanford University Press, 2010.

LÓPEZ, Jesús Espasandín and Pablo Iglesias Turrión (eds.) *Bolivia en movimiento. Acción colectiva y poder político*, 2006. Disponível em: <<http://www.nodo50.org/boliviaenmovimiento/>>.

MANN, Michael. **The Sources of Social Power**, Volume 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

_____. “The Recent Intensification of American Economic and Military Imperialism: Are They Connected? Presented at the annual meeting of the American Sociological Association, Montreal, August 11, 2006.

MARTIN, William G. *et al.* **Making Waves: Worldwide Social Movements, 1750-2005.** Boulder, CO: Paradigm, 2008.

MITCHELL, Brian R. **International Historical Statistics: Europe 1750-1988.** 3 ed. New York: Stockton, 1992.

_____. **International Historical Statistics: The Americas 1750-1988.** 2 ed. New York: Stockton, 1993.

_____. **International Historical Statistics: Africa, Asia, and Oceania 1750-1988.** 2 ed. New York: Stockton, 1995.

MODELSKI, George; THOMPSON, William R. **Leading Sectors and World Powers: The Coevolution of Global Politics and Economics.** Columbia, SC: University of South Carolina Press, 1996.

MONBIOT, George. **Manifesto for a New World Order.** New York: New Press, 2003.

PATOMAKI, Heikki. **The Political Economy of Global Security.** New York: Routledge, 2008.

PFISTER, Ulrich; SUTER, Christian; “International financial relations as part of the world system.” **International Studies Quarterly**, v. 31, n.3, p. 23-72, 1987.

POLANYI, Karl. **The great transformation.** New York: Farrar & Rinehart, 1944.

PODOBNIK, Bruce. **Global Energy Shifts.** Philadelphia, PA: Temple University Press, 2006.

REESE, Ellen; CHASE-DUNN, Cristopher; ANANTRAM, Kadambari; COYNE, Gary *et al.* “Research Note: Surveys of World Social Forum Participants Show Influence of Place and Base in the Global Public Sphere.” **Mobilization: An International Journal**, v.13, n.4, p. 431-445, 2008. Revised version in A Handbook of the World Social Forums Editors: Jackie Smith, Scott Byrd, Ellen Reeseand Elizabeth Smythe. Paradigm Publishers.

REIFER, Thomas E. "Lawyers, Guns and Money: Wall Street Lawyers, Investment Bankers and Global Financial Crises, Late 19th to Early 21st Century". **Nexus: Chapman's Journal of Law & Policy**, n. 15, p.119-133, 2009-10.

REINHART, Carmen M.; ROGOFF, Kenneth S. "This time is different: a panoramic view of eight centuries of financial crises". **NBER Working Paper 13882**. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w13882>>.

REITAN, Ruth. **Global Activism**. London: Routledge, 2007.

ROBINSON, William I. **Promoting Polyarchy: Globalization, US Intervention and Hegemony**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____. **Latin America and Globalization**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008.

_____. "The crisis of global capitalism: cyclical, structural or systemic?" *In*: KONINGS, Martijn (ed.). **The Great Credit Crash**. London: Verso, 2010. p. 289-310.

ROEMER, John. **A Future for Socialism**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **The Rise of the Global Left**. London: Zed Press, 2006.

SEN, Jai; WATERMAN, Peter (eds.). **World Social Forum: Challenging Empires**. Montreal: Black Rose Books, s.d.

SMITH, Jackie; KARIDES, Marina; BECKER, Marc *et al.* **Global Democracy and the World Social Forums**. Boulder, CO: Paradigm Publishers, 2007.

SILVER, Beverly J. **Forces of Labor: Workers Movements and Globalization Since 1870**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SUTER, Christian. "Long waves in core-periphery relationships within the international financial system: debt-default cycles of sovereign borrowers." **Review**, v. 10, n.3, 1987.

_____. **Debt cycles in the world-economy: foreign loans, financial crises, and debt settlements, 1820-1990** Boulder: Westview Press, 1992.

_____. “Financial crises and the institutional evolution of the global debt restructuring regime, 1820-2008”. Presented at the PEWS Conference on “The Social and Natural Limits of Globalization and the Current Conjuncture”, University of San Francisco, August 7, 2009.

TAYLOR, Peter. **The Way the Modern World Works: Global Hegemony to Global Impasse**. New York: Wiley, 1996.

TURCHIN, P. **Historical dynamics: why states rise and fall**. Princeton University Press, Princeton, NJ, 2003.

TURCHIN, Peter; NEFEDOV, Sergey. **Secular Cycles**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009.

TURNER, Jonathan H. **Principles of Sociology**, Volume 1, Macrodynamics. Springer Verlag, 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. “The three instances of hegemony in the history of the capitalist world-economy.” *In*: LENSKI, Gerhard (ed.). **Current Issues and Research in Macrosociology**. International Studies in Sociology and Social Anthropology. Leiden: E.J. Brill, 1984a. v. 37, p. 100-108.

_____. **The politics of the world-economy: the states, the movements and the civilizations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984b.

_____. **Utopistics. Or, historical choices of the twenty-first century**. New York: The New Press, 1998.

_____. **The Decline of American Power**. New York: New Press, 2003.

_____. “Contradictions in the Latin American Left”. **Commentary** n. 287, Aug. 15, 2010. Disponível em: <<http://www.iwallerstein.com/contradictions-in-the-latin-american-left/>>.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System**, Volume 1. Berkeley: University of California Press, 2001 [1974].

WORLD BANK. **World Development Indicators** [CD ROM]. Washington DC: World Bank, 2009.

_____. **World Development Indicators** [online]. Washington DC: World Bank, 2011.
